

## Em memória de Helmi Nasr, em seu centenário

Aida Hanania<sup>1</sup>  
Jean Lauand<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo traz elementos para a história do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo, especialmente do curso de Língua e Literatura Árabe, fundado em 1962 pelo Prof. Dr. Helmi Nasr. As publicações do Centro de Estudos Árabes do DLO viriam a dar origem ao Cemoroc.

**Palavras Chave:** Estudos Árabes. Universidade de São Paulo. Helmi Nasr. Cemoroc.

**Abstract:** The article is on the early history of the Department of Eastern Studies of the University of São Paulo, focusing especially on the course of Arabic Language and Literature, founded in 1962 by Professor Helmi Nasr. The publications of the Centro de Estudos Árabes of FFLCHUSP are (in) the pre-history of Cemoroc.

**Keywords:** Arabic Studies. University of São Paulo. Helmi Nasr. Cemoroc.

Em 26 de novembro de 2019, faleceu no Cairo, o Prof. Dr. Helmi Mohamed Ibraim Nasr (nascido em 22/3/1922) que, em 1962, fundou o Curso de Língua e Literatura Árabe na USP.

Nesta edição, o artigo de Aida Hanania sobre os estudos árabes nas revistas do Cemoroc, já recorda também as ligações fundacionais do Cemoroc com o Centro de Estudos Árabes da FFLCHUSP, o que remete necessariamente ao Prof. Nasr. Ao celebrar os 25 anos de nosso Cemoroc, que tanto deve ao Mestre, a imensa saudade nos leva naturalmente a lembrar a longa e exitosa trajetória que construiu em nosso país. E é com emoção que nos sabemos privilegiados por termos desenvolvido grande parte de nosso percurso acadêmico e profissional ao lado do mestre e estimulados por ele.

Sua dedicação constante e seu apoio incondicional a todas as iniciativas que pudessem ampliar o conhecimento da Língua, da Literatura e da Cultura Árabes, como o foram a “Semana de Cultura Árabe”(1986) a criação da *Revista de Estudos Árabes* do Centro de Estudos Árabes (1993 a 1995), da *Revista de Estudos Orientais* (1997 a 1999) – dentre muitas, igualmente relevantes – redundaram no estímulo fundamental à criação do Cemoroc, que tanto lhe deve.

Para expressar nossa profunda gratidão, pouco antes de regressar a sua terra natal, após 53 anos de Brasil, organizamos em junho de 2015, um evento – que, felizmente, contou com sua ilustre presença – o “III Encontro Cemoroc Educação: Cultura Árabe – homenagem ao Prof. Dr. Helmi Nasr” (matéria do Jornal da USP em [http://espaber.uspnet.usp.br/jor\\_osp/?p=42727](http://espaber.uspnet.usp.br/jor_osp/?p=42727)) em que seus alunos quisemos homenageá-lo com um livro (<http://hottopos.com/ebooks/livronasr.pdf>), cujos capítulos pudessem retratar um pouco de nossa experiência intelectual/acadêmica e muito de nossa emoção e do privilégio de tê-lo tido por tantos anos como nosso mestre e guia para o aprimoramento dos Estudos Árabes em nosso meio.

---

<sup>1</sup>. Profa. Titular Aposentada do Depto. de Letras Orientais da FFLCH-USP. [aida.hanania@gmail.com](mailto:aida.hanania@gmail.com)

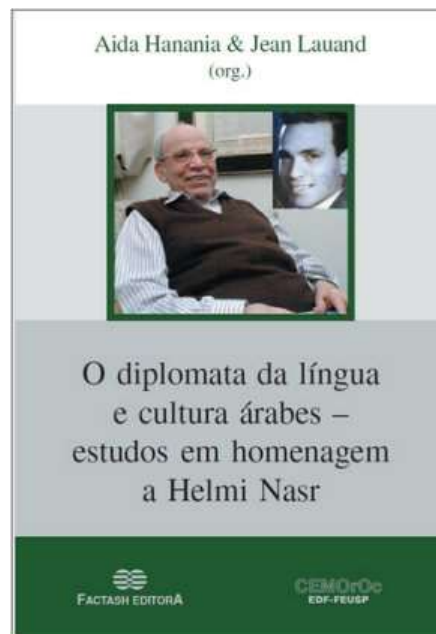
<sup>2</sup>. Prof. Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. [jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br)



H. Nasr no III Encontro CemoroC Educação: Cultura Árabe, 8-6-15



Prof. Nasr e Roseli Fischmann



<http://hottopos.com/ebooks/livronasr.pdf>

Em 2022, celebramos duas importantes datas redondas, em torno deste personagem, marco fundacional dos estudos árabes entre nós: o 100º aniversário do professor Helmi Nasr, que exatos 60 anos antes fundou o Curso de Língua e Literatura Árabe na USP.



Aida Hanania, HN e Rui Josgrilberg

A USP era, em 1962, uma universidade muito jovem de um país que, instalado em séculos de atraso, começava a viver grandes mudanças econômicas e culturais. Naqueles anos, o clima era de efervescência de desenvolvimento econômico; com a Novacap, como então era chamada Brasília, e o Brasil se afirmando nos esportes: bicampeão mundial de futebol (e pela primeira vez podíamos ver os jogos, horas depois, em video-tape; a copa de 58, só foi acompanhada pelo chiado do rádio...); bicampeão mundial de basquete; as brilhantes conquistas de Maria Esther Bueno (o tênis, um esporte quase desconhecido); Éder Jofre, o “galo de ouro”. Em 1962, Palma de Ouro em Cannes com “O pagador de promessas”; o boom da bossa nova, “Garota de Ipanema” foi composta em 1962; a consagração internacional de Oscar Niemeyer.

A então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, minúscula se comparada com a atual FFLCH, concentrava uma incrível densidade de professores destacados, como: Alfredo Bosi, Antonio Candido, Aziz Ab'Saber, Bento Prado Júnior, Décio de Almeida Prado, Egon Schaden, Eurípedes Simões de Paula, Fernando de Azevedo, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes, Francisco Weffort, João Cruz Costa, José Arthur Giannotti, José de Souza Martins, Milton Santos, Octavio Ianni, Roger Bastide, Ruth Cardoso, Sérgio Buarque de Holanda... Boa parte dos estudantes iam para a aula na Maria Antonia, de bonde aberto, rangendo para subir a Angélica, com o cobrador, com uma das mãos recheada de notas dobradas entre os dedos, fazendo incríveis malabarismos para não deixar ninguém saltar sem pagar.

A imagem que o brasileiro tinha do mundo árabe era muito diferente na época: não se falava de islamismo nem de muçulmanos, não havia nada parecido com o protagonismo exercido hoje – pós Opep – pelos países árabes. Eram uns países remotos, indiferenciados e exóticos, muitos deles ainda colônias, atrasados, inexpressivos, ou dominados por potências ocidentais (1962 é o ano da independência da Argélia). Os numerosos imigrantes e descendentes em São Paulo – sírios e libaneses – ainda eram conhecidos como “turcos”; eram, em sua maioria, cristãos, talvez comerciantes da 25 de março e residiam no bairro do Paraíso. Comida árabe, só a da mãe ou da avó; havia raríssimos restaurantes árabes (Almanara, Bambi, Brasserie Victoria e uns poucos mais...) e duas ou três casas de esfiha e quibe nas imediações da Catedral Ortodoxa da Vergueiro. Nem em sonho a profusão de hoje, em que temos quase cem grandes lojas em São Paulo, para falar só de uma rede.

Um pouco mais conhecido era o presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, com sua forte política nacionalista, um dos líderes do “movimento terceiro-mundista”, que enfrentara o poderio francês e britânico na Guerra de Suez, e que terá decisiva importância para a história dos estudos árabes no Brasil.

Quem considera as dificuldades e delongas para a contratação de professores na USP e na FFLCH (em 2002 houve uma greve de quase quatro meses para arrancar alguns claros), ficará assombrado com o modo como foi criada a “Seção de Estudos Orientais” em 1962, inicialmente instalada junto ao Curso de História, sob a direção do grandioso Eurípedes Simões de Paula.

Nesse contexto, para que se possa avaliar a grandeza de Helmi Nasr e de sua contribuição para a FFLCHUSP, retomaremos uma histórica entrevista, publicada no No. 6 de nossa revista *Collatio* (<http://hottopos.com/collat6/nasr.htm>), na qual o próprio Prof. Nasr nos fala sobre a criação dos estudos árabes na USP:

Para dizer a verdade, essa é uma história de muitas alegrias e de muitas lutas. Eu, quando jovem, nem podia imaginar que viria a ser professor no Brasil, mas uma série de circunstâncias acabou por trazer-me para cá. Concluídos meus estudos universitários na França, voltei ao Cairo e fui nomeado professor de tradução francesa na Faculdade de Línguas Estrangeiras da Universidade de 'Ayn ash-Shams. Lecionava eu lá, quando a Universidade recebeu solicitação de três professores para ensinar árabe no exterior: um para Sidney na Austrália, outro para Santiago do Chile e um terceiro para São Paulo. Não foi difícil para nossa faculdade atender os pedidos da Austrália e do Chile, pois havia um colega recém-chegado da Inglaterra e outro recém-chegado da Espanha. O problema era conseguir um professor para o Brasil. Isto aconteceu nos primeiros meses de 1962. É uma história interessante: Jânio Quadros, quando assumiu a presidência, foi visitar os líderes orientais da época: Gamal Abdel Nasser – que, então, gozava de enorme prestígio em todo o mundo –, Nehru e outros. Voltando ao país, cheio de admiração por esses estadistas, decidiu criar, no Brasil, estudos orientais e pediu à Universidade de São Paulo que criasse esses cursos.



Foto: Francisco Emolo/Jornal da USP

A USP, em atenção ao pedido do presidente, resolveu criar sete cursos: árabe, hebraico, russo, chinês, japonês, armênio e sânscrito e contactou os países correspondentes, em busca de professores que se dispusessem a vir para cá. Ora, nessa época, os países árabes credenciados no Brasil eram três: Síria, Líbano e Egito. A USP escreveu para esses três países e, para sorte minha – este é um país maravilhoso –, só o Egito respondeu afirmativamente. O presidente Nasser, em atenção a Jânio Quadros, empenhou-se pessoalmente para que a Universidade designasse também um professor para o Brasil e, como disse, esse não era um problema de fácil solução. Como não houvesse resposta por parte da Universidade, uma semana depois, o presidente Nasser tornou a exigir uma solução rápida para o caso. Pressionado pela insistência do presidente, o diretor da Faculdade resolveu propor-me – afinal, o francês é uma língua semelhante ao português – que viesse ao Brasil. Daí a onze dias, veja só, chegava eu ao Brasil! O primeiro projeto previa a permanência de um ano como professor visitante, mas, quando o pedido chegou ao ministro da Educação, ele ponderou que só um ano para o Brasil era muito pouco e propôs dois anos. [...]

Enfim, cheguei aqui com muito entusiasmo e, no dia seguinte, já me encontrava na Faculdade com seu diretor, o saudoso Mário Guimarães Ferri, que me recebeu muito bem e logo disse a ele: "Eu quero começar". Veja bem, eu cheguei no dia 1 de maio de 1962 e o Curso principiou em setembro, como curso livre. E comecei a dar aulas sozinho nos três períodos: manhã, tarde e noite. Em 1963, teve início o curso regular: com uma aluna! E, paralelamente, dava cursos optativos: sempre repletos de alunos nos três períodos; era um trabalho duro mas também extremamente prazeroso. (...) Na verdade, quando cheguei, recebi também um convite para dirigir um jornal árabe e uma revista, além de diversas outras atividades relacionadas com o mundo e a cultura árabes. E, claro, o governo egípcio interessou-se pela minha permanência no Brasil: sem me consultar, custeou a prorrogação de meu contrato por mais dois anos, depois por outros dois e, assim, por oito anos, prazo máximo permitido pela lei egípcia para a permanência no exterior de um professor universitário. Indicaram-me, portanto, que regressasse: comecei a me preparar para retornar ao Cairo, mas quando informei o saudoso Prof. Eurípedes Simões de Paula, então diretor da Faculdade – e principal mentor da criação dos estudos orientais na USP – ele não aceitou e procurou o embaixador egípcio, solicitando-lhe que abrisse uma exceção no meu caso, até que a própria USP pudesse contratar-me. O governo egípcio atendeu-o e prorrogou minha permanência por mais dois anos, quando fui contratado. Para mim, foi muito bom, porque gosto muito do Brasil e de seu povo, que tem características semelhantes ao povo do Oriente, além do fato de que há uma numerosa colônia árabe no Brasil; colônia que, em geral, ocupa uma boa posição econômico-social, mas que necessita também, ao lado dessa posição privilegiada, de uma posição intelectual adequada e o Curso de Árabe na USP era um núcleo para esse trabalho. E, assim, nos anos seguintes – também pelo crescimento da importância do mundo árabe no cenário mundial –, passou a haver mais alunos no Curso de Árabe do que em diversos outros cursos da Faculdade. Estive sozinho durante os primeiros sete anos. Depois, a Faculdade começou a contratar outros professores formados pelo Curso: Jubran Jamil El-

Murr, Jorge Sáfady, Aida Ramezá Hanania, Luiz Ferreira da Rosa (um professor sem ascendência árabe...).

E assim, graças ao empenho de Nasser e Nasr, São Paulo finalmente ganhou um espaço acadêmico, de excelência, à altura de sua colônia árabe. Parece incrível que, com a importância que a cultura e a língua árabe têm para São Paulo e o Brasil, só há 50 anos – e por conta de uma história de aventuras, digna das Mil e uma Noites – viéssemos a ter esses estudos universitários.

Quando se fala da criação da USP e de seu núcleo essencial, a FFCL, fala-se em “missão” de professores europeus, sobretudo em “missão francesa”. O prof. Nasr foi, anos depois, a “missão árabe”: anos heróicos, um jovem professor, sozinho durante anos, devotando-se à missão de, a partir do árabe, estabelecer a abertura para a totalidade do humano, que é, afinal, a própria essência da *universitas*.

Mas, naqueles começos, os estudantes atentavam mais para outros aspectos: quem passava pela sala 4 da velha Maria Antonia, tinha a oportunidade de encantar-se com a extrema amabilidade, generosidade, hospitalidade e impecável elegância do professor recém-chegado “das “Arábias”. Disfarçávamos o riso com as dificuldades que, então, ele tinha com o português: ao avisar os alunos que não haveria adiamentos para a data de entrega de tal trabalho, dizia: “Não tem escapamento!”. Ou, ao comentar a enorme quantidade de templos muçulmanos: “No Cairo, temos muitíssimos mosquitos” etc. Aliás, aí temos todo um folclore dos professores de orientais daquela época. Como quando a esposa de um deles, passando slides da obra do marido, um notável pintor, referia-se constantemente a seu *marchand*, dizendo: “Este é o *machão* de meu marido...”.

Nasr, profundamente religioso (discretamente, sempre manteve na USP seu tapete para orações) e herdeiro das multimilenares tradições muçulmana e egípcia, sempre foi uma fonte de serenidade para com seus colaboradores: ante aflitivas situações acadêmicas ou perversas “*manôplas*” (manobras) de algum colega, mantinha-se imperturbável para atinar com a melhor solução, sem se deixar contaminar por (justificáveis) iras. A constante imagem que temos dele, após todos esses anos, é a de um franco sorriso, de um otimismo que por nada se deixa abater e de uma paternal generosidade.

Cedo aprendemos, por exemplo, que nunca deveríamos elogiar nada de sua grandiosa hospitalidade: seguindo a tradição de seus ancestrais, se se diz, por exemplo: “Professor, que bela gravata!” ele imediatamente obriga o incauto a levar a peça de presente. Uma vez, fomos assaltados ao estacionar em frente à sua casa para uma reunião. Chegamos a seu apartamento trêmulos, sob o impacto de termos estado sob a mira de uma arma etc. Ele, serenamente, exatamente na linha dos também ancestrais contos árabes, celebrando a hospitalidade que nos ensinava nas aulas, tranquilizou-nos e quando informado de que o ladrão tinha nos levado x, obrigou-nos a levar 5x!

Sua generosidade é ampla e incomensurável. No final dos anos 80 e começo dos 90, sob sua orientação, lançamos – Nasr e os autores deste artigo – um ambicioso projeto editorial, que contou com colaboradores do porte de um Roshdi Rashed, Miguel Cruz Hernández, Hassan Massoudy (o maior calígrafo árabe do mundo), Evanildo Bechara, Jamil Almansur Haddad, Milton Hatoum, Josef Pieper etc.: a *Revista de Estudos Árabes*, a revista *Collatio* (desde o começo em importantes indexadores e bases de dados internacionais, em parceria com o prestigioso Departamento de Estudios Árabes da Univ. Autónoma de Madrid) e dez livros da coleção *Oriente e Ocidente*. Era um volume e uma qualidade muito acima das possibilidades de nosso Centro de Estudos Árabes, que não contava com nenhuma

verba oficial. Conseguíamos financiamento como podíamos e quando não, o Prof. Nasr se adiantava a pessoalmente amparar esses projetos: “Nidinyah, não podemos interromper este trabalho!”, dizia à esposa, a saudosa Dra. Nida Gattaz Nasr (também professora – de espanhol – da FFLCH e falecida em 2007).



Foto: Francisco Emolo/Jornal da USP

Nessa mesma época, empenhou-se, com os autores, em outra árdua missão, a criação do curso de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabe, e mesmo depois de aposentado (compulsoriamente em 1992), continuou trabalhando voluntariamente nesse Curso, desde o começo muito mais fruto do sacrificado empenho pessoal nosso do que de apoios institucionais...

Outros trabalhos importantes do Prof. Nasr foram a publicação de um pioneiro dicionário árabe-português, a tradução para o árabe de *Novo mundo nos trópicos* de Gilberto Freyre e a monumental tradução, única em nossa língua feita diretamente do árabe, do Alcorão (ou do “sentido” do Alcorão, como querem os muçulmanos, pois, para eles, o livro sagrado é indissociável da língua árabe), com preciosas notas. Esse trabalho, entre tradução e revisões pela Liga Islâmica Mundial em Meca, durou 22 anos e foi finalmente publicado em 2005, pelo “Complexo do Rei Fahd”, a instância mais oficial do Islã.

Mesmo para os não crentes, o Alcorão contém intrigantes profecias, como a (sura 6, 65) de que Allah pode castigar “por cima ou por baixo” (descendo fogo como em Sodoma e Gomorra; ou abrindo as águas do Mar Vermelho, que afogaram o povo do Faraó) ou confundindo os árabes em seitas e divisões, de modo que uns experimentem a fúria dos outros. Mas Helmi Nasr cumpriu outra impressionante profecia: aquela em que Allah confia aos árabes (2; 143, 142) a missão de serem “povo do meio”, mediadores entre Oriente e Ocidente.

Para o árabe, a palavra *tariq*, não significa só caminho, mas acumula também o sentido de jeito, modo pessoal de cada um fazer as coisas (mesma acumulação semântica do *way* inglês). O que facilmente se compreende, pois no deserto não há estradas delineadas, cada um busca fazer o seu caminho... o que Helmi Nasr cumpriu desde que, quando jovem, assumiu sua missão no Brasil: abrir caminhos, que hoje podem ser trilhados por muitos, que talvez nem se lembrem de que a ele devem as facilidades que encontram agora prontas...

Sua carreira como homem de paz e integração (dois dos significados do radical árabe s-l-m, de palavras tão fundamentais como *islam* ou *salam*) foi coroada em 2007, quando passou a integrar o seito grupo (21 membros) do Conselho dos Sábios, instância máxima de eruditos da Liga Islâmica Mundial.

Recebido para publicação em 13-01-21; aceito em 14-02-21